

**Estudos sobre o Atlântico Sul: arte, história e literatura**

Editores responsáveis: Anselmo Peres Alós (UFSM), Marcela Magalhães de Paula (UNILAB) e Cecília Rodrigues (The University of Georgia)

O Atlântico foi uma invenção da Europa. Foi o produto de uma série de movimentos de navegação, assentamentos, exploração, administração e, sobretudo, de imaginação. Logo, simplesmente enumerar tais fenômenos seria no mínimo não fazer jus à função que esse oceano teve e tem, em especial para os herdeiros da lusofonia. É, a partir do Atlântico, que se funda o caráter paradoxal da cultura portuguesa - dentro, por sua vez, da cultura e da vida europeias - atrelado à condição inerente de “povo do mar” da nação lusitana, antes mesmo da era dos “Descobrimentos”. Este “caráter paradoxal” vai ser ilustrado por vários pensadores e poetas portugueses, em vários momentos da história intelectual e literária lusitana. Por exemplo, Fernando Pessoa, na obra *Sobre Portugal: introdução ao problema nacional*, expõe a existência de “três espécies de Portugal, dentro do mesmo Portugal” e, consecutivamente, a presença de três espécies de português: o “português típico que forma o fundo da nação”; “o português que não é”, pois governa o país crendo-se um moderno parisiense; e o português que fez as “Descobertas” e criou a civilização moderna. Outra ideia que corrobora com o conceito de um processo de dominação paradoxal é o colonialismo *sui generis* português, baseado na imagem de que eram um povo sentimental, cordial, coração da ideologia lusotropicalista.

Os desafios de se encontrar uma perspectiva que não esteja enraizada no estudo de um único lugar, sejam eles metropolitanos ou periféricos. Neste ponto, os estudos de literatura comparada exercem uma função “coringa”, pois mediam o entendimento de contextos diversos, através da descoberta de pontos comuns. Um problema metodológico diverso está em pensar o Atlântico (e, acrescentaríamos, sua literatura) como uma unidade coesa, visto que o espaço de tal oceano é caracterizado por sua enorme variedade. A heterogeneidade atlântica principia nas centenas de microclimas que incluem desde o Deserto do Saara às florestas tropicais até as tundras. Também há de se salientar as diferentes condições de vida dos habitantes, no passado e no presente, que vivem e viviam ao redor das costas atlânticas, o que pode ilustrar uma série de diferenças percebidas em níveis políticos, em práticas sociais e expressões literárias. Sem mencionar, as milhares de línguas envolvidas no intercâmbio entre os Impérios e as Colônias. Os historiadores tiveram primeiro que inventar uma região e que o nascimento do Atlântico, como uma unidade particular de análise, reflete essa tendência da geografia histórica em diluir generalizações.

Quanto à literatura, o estado da questão reside na problemática de se indagar sobre os textos do “sul subserviente” do mundo, sobretudo daqueles da literatura africana de língua portuguesa que são desvalorizados como objeto de estudo, pois geralmente são considerados como provenientes de “literaturas menores”, devido à resistência eurocêntrica e às reminiscências ideológicas colonialistas. Dentro desses universos literários excluídos, ressaltamos o papel da literatura que, apesar da sua importância intrínseca às questões anticoloniais africanas e do papel desenvolvido dentro do movimento da negritude para o contexto africano de expressão portuguesa, ainda é pouco estudada. Foi, ao refletir sobre tais problemas, que, para esta edição, propomos enfatizar os vários âmbitos do mundo pós-colonial, em um contexto possibilitado pelas correntes atlânticas e preenchidas pela simbologia do seu imaginário.

Além da chamada para o *Dossiê temático*, a revista recebe contribuições relativas às áreas de Letras, Artes Visuais e Performáticas, Música e Desenho Industrial para a *Seção livre*, além de resenhas de livros das áreas de interesse da revista, publicados nos últimos cinco anos, e breves relatos e depoimentos acerca de eventos artísticos e científicos relacionado às áreas do conhecimento contempladas pela revista. As normas para submissão de contribuições podem ser visualizadas em <http://coral.ufsm.br/utildadescal/images/noticias/normasexpressao.pdf>

Prazo final para o recebimento de manuscritos: 30 de maio de 2017.